

Recebido em: 10 Out. 2018
Aprovado em: 23 Maio 2019
Publicado em: 8 Dez. 2019

RESENHA: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE
BOOK REVIEW: EDUCATION FOR CRITICAL CONSCIOUSNEES
RESEÑA: LA EDUCACIÓN COMO PRÁTICA DE LA LIBERTAD

Ana Lúcia de Figueiredo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - IFTM
E-mail: alfigueiredo2013@gmail.com

O livro *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire, foi originalmente escrito em 1967, contém 123 páginas, e foi publicado pela editora *Paz e Terra*. Contem uma apresentação, uma introdução e quatro capítulos. A apresentação do livro traz o pensamento de Pierre Furter, exibindo o educador como o homem da palavra, do diálogo, capaz de construir na oralidade toda uma práxis pedagógica e transmiti-la de modo a permitir ao leitor a crítica e a reflexão. Segundo Furter, para Paulo Freire o diálogo e condição de existência de uma educação libertadora, que retire os homens da marginalidade social. Os discursos vazios sobre a educação foram superados pelo método de Paulo Freire que associa a teoria e a práxis como elementos de efetiva construção de uma educação libertária.

Na introdução denominada “*Educação e Política*”, Francisco C. Weffort faz uma série de reflexões a respeito dos objetivos do livro e contextualiza o pensamento de Paulo Freire às ocorrências históricas concomitantes ao processo de criação do movimento de educação popular que determinou a produção da obra. Segundo Francisco, o método de educação de Paulo Freire nasceu da experiência calcada na vivência.

Nessa perspectiva, o livro apresenta a visão das ideias de Freire, com uma teoria pedagógica baseada em um método de educação popular em consonância com um tempo histórico de profundas modificações nos cenários da política e sociedade brasileira. O que para Weffort é o mais importante a considerar, pois, as ideias de Paulo Freire aparecem como proposta de desenvolvimento de políticas de cunho popular também para as futuras gerações, destacando-se como instrumento prático de luta dos milhões de analfabetos do Brasil e quiçá do terceiro mundo. O primeiro ponto a observar a respeito da pedagogia de Freire é a dimensão da liberdade crítica e participativa dos educandos. Somente por meio da relação de diálogo e formação consciente é possível produzir uma educação libertadora. Por essa razão a ideia da escola tradicional é substituída pelos círculos de cultura. Neles o diálogo, mediado por um

coordenador que não exerce papel de professor, mas de organizador dos estudos, propõe a conquista da linguagem por meio do uso de “palavras geradoras” que são coletadas dos próprios educandos. Essas palavras carregadas de significação são selecionadas de acordo com sua relevância e produção de sentidos na aquisição da linguagem. É o caso, por exemplo, da palavra “favela” uma das 17 palavras geradoras (como se pode ver no apêndice do livro), promotora de um debate a respeito de diferenças sociais. Ou seja, “[...] *a alfabetização e a conscientização jamais se separam* [...]” FREIRE (1967. p.5).

Para Weffort, apesar do método de educação popular ter sido suprimido pelo golpe militar de 1964, sua importância transcende o período histórico a que foi defrontado merecendo uma análise das condições de sua efetivação e da experiência produzida no Brasil. Salienta que, no final do governo de João Goulart, os movimentos de mobilização popular ligados à sindicalização no campo e na cidade e mais tarde pela participação estudantil criaram uma atmosfera de possibilidade de ascensão. O cenário abriu campo para que em 1962, Paulo Freire iniciasse no Nordeste, à época com mais de 15 milhões de analfabetos, uma experiência de alfabetização na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Aproximadamente em 45 dias, 300 trabalhadores foram alfabetizados. Os êxitos do projeto causaram comoção na opinião pública o que despertou o interesse do governo. Em uma próxima etapa, o movimento passou a ser financiado pelo governo federal e promoveu uma investida nacional de alfabetização. Acontece que as elites dominantes no país não viam com bons olhos o processo de ascensão popular, pois temiam a possibilidade de levante das massas e assim passaram a atacar Freire, tachando-o de comunista e subversivo. Não se detiveram na observação da proposta de cunho pedagógico, mas focaram as repercussões políticas que tal proposta poderia originar. Na verdade, desejavam uma “democracia” sem a participação do povo. Diante disso empreendiam discursos vazios a respeito da “educação como alavanca para o progresso”, destituídos de quaisquer compromissos com a educação das massas populares que eram excluídas das decisões e ainda acusadas de indolência e acomodação. Mas a preocupação de Paulo Freire, como educador era o despertar da consciência. Não pretendia uma revolução. Mas tencionava a instalação da democracia como consequência de uma prática libertadora. A democracia era percebida naquele momento como possibilidade histórica, pois, nesse período, o sistema eleitoral brasileiro garantia a exclusão da maioria da população da participação política, pois, era vedado o voto dos analfabetos, ou seja, da maioria da população. Nesse sentido, o movimento de educação popular para diminuição do analfabetismo ameaçava a

manutenção da dominação. E por isso as elites brasileiras pressionadas pelas manifestações constantes orquestraram o golpe que pôs fim ao governo populista suprimindo também o projeto de educação popular. Não obstante, muito se pôde aprender com o projeto de Paulo Freire, pois, segundo Weffort, não se trata do fazer político, mas de educação para a tomada de consciência da necessidade de uma nova política, participativa, libertária e democrática.

Na introdução do primeiro capítulo: “A sociedade em transição”, Paulo Freire esclarece ao leitor sobre os objetivos de seu ensaio, de luta por uma educação libertária, que retire o homem da condição de dominação imposta e o faça sujeito capaz de refletir e agir no enfrentamento do pensamento dominante das elites que se apoderam de sua vontade. Explicamos que a sociedade brasileira vivia justamente no período anterior ao movimento popular de educação, a transformação de uma “sociedade fechada”, onde predominava a dominação de uma elite privilegiada sob uma população dominada e apartada das decisões políticas, para uma sociedade em trânsito com possibilidades de evolução, para uma sociedade aberta e democratizada ou ainda para uma sociedade massificada. Nesse sentido, o autor atenta para alguns conceitos fundamentais para o entendimento do que seja a humanização. Primeiramente Paulo Freire considera que o caracteriza a identidade humana são os conceitos intrínsecos ao homem que permitem estabelecer relações com a natureza e com os outros. A pluralidade e a criticidade são conceitos que nascem das relações baseadas em pensar, analisar, refletir e agir mediante desafios. E transcender para outros desafios, pois o homem é dotado de consciência objetiva. Esses conceitos garantem a liberdade individual do homem que enquanto criatura consciente de sua temporalidade, outro conceito que situa o homem na dimensão de seu tempo e em suas dimensões natural ou biológica e cultural ou criativa, permitindo que produza a história e a cultura que o integrem na sociedade. Quando a liberdade do homem é suprimida pela massificação, sua criatividade também se extingue e o ser humano já não desenvolve a capacidade de integração. Sendo incapaz de modificar sua realidade procura adaptar-se a ela, desumaniza-se, aproxima-se mais do biológico presente nas outras espécies animais, a capacidade de adaptação. Então, a luta pela liberdade é também a luta, pela humanização. Logo é preciso desenvolver o pensamento crítico, para que o homem adquira a capacidade de reflexão a cerca dos temas de seu tempo histórico, apreendendo o significado das transformações sociais. Por isso a importância de uma educação para a conscientização, para o desenvolvimento de uma consciência crítica. Visto que a sociedade em trânsito alberga elementos de transição entre o velho e o novo, ora avança, ora recua. À vista disso, consciências somente adaptáveis e

incapazes de assimilar mudanças poderão desenvolver o temor pela transformação. Mesmo assim, os retrocessos não impedem a transformação, promovendo uma série de rachaduras na estrutura da sociedade fechada, com surgimento de grupos antagônicos: intermediários, reacionários e progressistas, produzindo a radicalização e o sectarismo. Para Paulo Freire a radicalização é positiva, pois sendo crítica, não impõe seu pensamento com violência, mas busca o diálogo e respeita os pensamentos contrários aos defendidos, assumindo sempre uma posição crítica. Já o sectarismo é violento, reacionário, não respeita opiniões. O problema é que o sectarismo imperava no Brasil, o que representava risco para uma tentativa de abertura e democratização. A frágil passagem da sociedade brasileira estava ameaçada pelos fanatismos. Surgiram tentativas de repelir a participação popular. Uma onda de assistencialismo, formato que segundo Paulo Freire transfere a responsabilidade do indivíduo de sua própria significação para outro, gerando irresponsabilidade, visava favorecer a continuidade da sociedade fechada. Os radicais foram acusados de “subversivos”, ou seja, os que ameaçavam a ordem estabelecida. As forças reacionárias internas e externas juntaram-se para aniquilar o movimento popular com pressões e imposições. Nesse cenário de elementos adversos foi implantado o movimento de educação popular, que segundo Paulo Freire, visava dialogar com o povo sofrido e despertar uma consciência que permitisse o entendimento das modificações que ocorriam e como poderiam emergir para a participação. A proposta era ajudar a sociedade a migrar de uma consciência alienada, para uma transitividade crítica. Tarefa difícil, considerando-se que a sociedade brasileira carecia de amadurecimento de uma consciência transitiva ingênua, polêmica e alienada para a consciência crítica e não para um processo de expressiva massificação. O labor educativo custou a Paulo Freire a prisão e o exílio.

O capítulo seguinte: “Sociedade Fechada e inexperiência democrática”, investiga as condições estruturais da formação da sociedade brasileira. Nele Paulo Freire nos revela a posição de inexperiência democrática vivida pelo Brasil, apontando as possíveis causas para a incapacidade de nossa sociedade em entender e aplicar os princípios democráticos. Freire reflete que o Brasil viveu desde a sua colonização modelo antagônico ao democrático. Nossos colonizadores, nunca tiveram a intenção de que aqui estabelecer uma civilização baseada nos modelos europeus. O Brasil era antes, uma terra de exploração. Os colonos que aqui aportaram não estabeleceram vínculos de integração com a terra. Mais tarde com o avanço da colonização, se instalaram grandes fazendas, nas quais imperava o poder do senhor, a escravidão e o paternalismo. A coroa portuguesa não permitia aos colonos direitos, e sequer participação em

assuntos políticos. Enquanto as sociedades europeias participaram ativamente do processo de construção de seus estados e mais tarde de suas democracias, no Brasil imperava uma elite agrária que não permitia nenhum tipo de manifestação. Os centros urbanos, possíveis geradores de relações, debates e desenvolvimento crítico, aqui não existiam. A condição de submissão do homem brasileiro, alicerçada na escravidão favorecia a existência de uma sociedade autoritária e fechada, com a constante intensificação do poder. O homem comum permanecia isolado de qualquer possibilidade de autogoverno. Com a vinda de Dom João para o Brasil, segundo Paulo Freire, ocorreu mudanças na estrutura social. A incrementação dos centros urbanos permitiu o surgimento de uma burguesia e houve deslocamento de poder para as zonas urbanas. Com o florescimento da vida urbana com a criação da imprensa, de escolas, de bibliotecas no Rio de Janeiro. Entretanto o povo continuava à margem da participação e somente após a independência e da rachadura do sistema fechado, começa uma tentativa de participação popular. No entanto, o problema é que nos apropriamos de um modelo democrático europeu sem levar em conta nossa inexperiência democrática e nossa realidade social. Paulo Freire questiona-se em que parte deveria procurar um modelo de democracia se fomos desde o início acostumados a uma sociedade antidemocrática? Nessa situação, no capítulo “Educação *versus* massificação”, Paulo Freire busca respostas à luz de uma pedagogia que auxiliasse a sociedade brasileira a construir sua democracia. Era preciso uma educação que desenvolvesse a criticidade. Uma educação ousada que modificasse a postura do homem no enfrentamento de problemas, propondo o debate para a tomada de consciência. Uma escola que se distanciasse de modelos importados, da memorização de conceitos, do elitismo, despertando a criatividade e o pensamento crítico. Uma escola não mais arbitrária, impositiva, mas que propusesse o diálogo como forma de construção do conhecimento e além de tudo que levasse em conta as discussões dos problemas brasileiros Para Freire isso só seria possível em um novo modelo educacional que permitisse ao homem aquisição de autonomia no debate dos problemas sociais. Era preciso desenvolver um pensamento democrático, pois à medida que novas influências surgiram, o país caminhava para uma ascensão de pensamento popular. As influências do rádio, da televisão aguçavam as percepções populares. É por isso que no último capítulo do livro: “Educação e Conscientização”, Paulo Freire apresenta um resumo do que foi o método de educação popular que visava atender a uma formação de qualidade para a educação. Partindo de um método de alfabetização para adultos, Paulo Freire propôs uma educação baseada no diálogo, visando aliar à alfabetização a mudança para uma consciência transitiva e crítica

identificada com a realidade, capaz de modifica-la. O método de alfabetização sem desvios, sem verbalismos, atrelado à realidade dos educandos, fortalecendo o sujeito, apresentando a ele a cultura como fruto de uma produção criativa individual capaz de coloca-lo em sintonia com o fazer social e ampliar suas perspectivas de uma vida estritamente vegetativa para uma vida de construção intelectual. Motivando o homem a intervir em seu processo de aprendizagem, agindo e refletindo sobre sua ação de mudança. As fases de elaboração do método constituíam-se em encontros informais com os moradores das áreas de estudo, coleta e escolha das palavras geradoras, construção dos sentidos, elaboração de fichas e aplicação das palavras na formação das sílabas e construções de palavras e frases de estudo como discutido na introdução desta resenha. Para Paulo Freire a educação é antes “um ato de amor”, de conscientização do homem como sujeito de sua própria história.

O livro é indicado para todos que buscam entender o papel da educação como agente de transformação social e para todos que estudam o pensamento de Paulo Freire.

REFERÊNCIA:

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.